

ARTIGOS

O DILÚVIO NO POEMA DE GILGAMESH.

O POEMA DE GILGAMESH.

IRMÃ ISABEL SAMPAIO WILKEN

Aluna do Curso de Estudos Orientais-Hebraico.
Licenciada em Letras Clássicas.

Sumário.

1. — Introdução:

- a). — Uma possível equação: Ararat — Nizir.
- b). — O que as atuais tórrs de petróleo de Mossul teriam contemplado, na outra margem do rio Tigre.
- c). — Criações intelectuais da literatura mesopotâmica — Os grandes poemas mitológicos.

2. — O poema de Gilgamesh ("Sha nagba imuru").

3. — Texto do 11º canto do poema (tradução).

4. — O Dilúvio bíblico e as tradições diluvianas.

5. — "Descobrimos o Dilúvio"!

Dilúvio, lenda ou realidade?

6. — Curioso paralelo: Utnapishtim e Noé.

7. — Outros temas do poema de Gilgamesh:

a). — No reino da morte.

b). — A verdadeira vida.

I. — INTRODUÇÃO.

a). — *Uma possível equação: Ararat = Nizir.*

A seu adorador Utnapishtim, deu Ea a seguinte ordem:

— "Homem de Shurupak, filho de Ubaru-tutu (1), destrói a tua casa, constrói um navio. Abandona tuas riquezas, despreza os haveres, salva a vida! Transporta para a nave toda sorte de semente de vida! ... e o navio pousou sobre o *monte Nizir*... o monte Nizir prendeu o navio e não o deixou flutuar". (XIa. Tabuinha).

Disse Deus a Noé:

"Fabrica uma arca com madeiras resinosas... De todos os seres vivos, introduzirás contigo, na arca, dois de cada espécie, macho

(1). — Ou Ubara-tutu.

e fêmea, para os conservares vivos contigo”. (Gên. VI, 1455).
“... E no sétimo mês, a arca pousou sobre as *montanhas do Ararat*”. (Gên. VIII, 4).

Com os dados de que hoje dispõe, será possível à Arqueologia, à verdadeira investigação científica, identificar êstes dois montes? No caso afirmativo, seria a inundação babilônica, narrada por Utnapishtim a Gilgamesh — (XIa. tábuas), o mesmo dilúvio de que a Bíblia nos fala? Como e onde localizá-los?

Os textos cuneiformes da antiga Babilônia descrevem, com muita precisão, o lugar em que se deve procurar o monte Nizir: entre o Tigre e o curso inferior do rio Zab, onde as cadeias de montanhas escarpadas e agrestes do Curdistão se erguem a pino da bacia plana do Tigre. Utnapishtim diz que sua cidade natal Shuruppak, que ficava perto da atual Farah, no meio das planícies aluviais, onde o Tigre e o Eufrates se bifurcam em grandes curvas. Ora, o ponto de encalho indicado corresponde, perfeitamente, ao curso que deve ter seguido a grande catástrofe, procedente do sul. Alta maré do golfo Pérsico poderia ter impellido o navio para a Cordilheira do Curdistão.

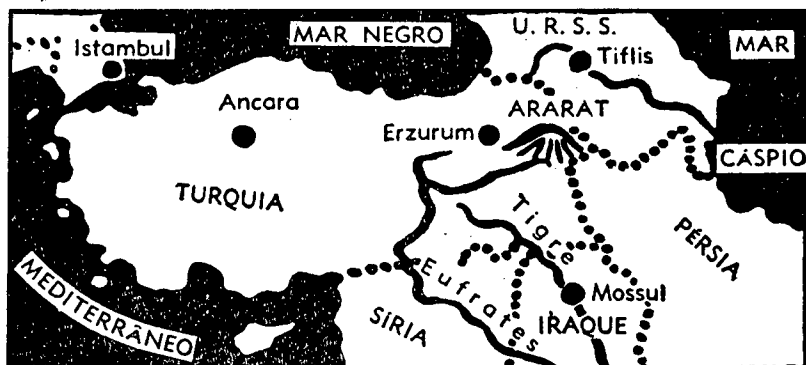
O monte Ararat, situado na parte oriental da Turquia, perto da fronteira soviético-iraniana, fica, portanto, na confluência de três países: Turquia, Irã e URSS. Seu cume, coberto de neves perpétuas, eleva-se a 5.156 metros acima do nível do mar.

Ora, apesar das indicações precisas da epopéia de Gilgamesh, os curiosos nunca se interessaram em procurar o monte Nizir, nem o lugar onde teria encalhado o gigantesco navio de Utnapishtim. Ao contrário, o monte Ararat da tradição bíblica tem atraído uma série de expedições.

As primeiras datam do século passado, bem antes que os arqueólogos comesçassem a escavar o solo da Mesopotâmia. E' curioso observar que o interesse por essas expedições foi despertado por um simples pastor. — Não há também um pastor na origem da sensacional descoberta dos manuscritos do Mar Morto?... — De fato, ainda hoje se conta, na pequena aldeia armênia de Bayzit, na encosta do monte Ararat, a extraordinária aventura de um pastor das montanhas. Teria visto, um dia, no monte Ararat, um grande navio de madeira.

A expedição turca ao Monte Ararat, em 1833, fala, expressamente da proa de um navio de madeira que, no verão, seria posta a descoberto na geleira do sul. Isto parece confirmar a história do pastor. Posteriormente, muitas outras expedições para lá se dirigiram, sendo a do francês Jean de Riquier, em 1952, talvez a mais recente. Apesar de ter voltado sem resultados de qualquer espécie sobre a arca, Jean de Riquier, e os que o precederam, sobretudo o Dr. Aaron

Smith (2), continuaram convencidos de que, verdadeiramente, no monte Ararat, encalhara o famoso navio de Noé



b). — *O que as atuais tôrres de petróleo de Mossul teriam contemplado, na outra margem do rio Tigre.*

Escavações realizadas, por volta de 1850, por exploradores ingleses, trouxeram à luz interessantes documentos descobertos nas ruínas da Biblioteca de Nínive, considerada a mais famosa da Antiguidade. Foi construída pelo rei Assurbanipal, no século VII a. C., na antiga Nínive, em posição elevada, à margem do Tigre. Hoje, erguem-se, do outro lado do rio, as altas tôrres de petróleo de Mossul, no Iraque.

Eram tabuinhas de barro, juntamente com cerca de outros 20.000 textos em barro. Sem dúvida, um tesouro de valor incalculável, que foi logo confiado ao Museu Britânico, na Inglaterra.

Porém, apesar de todos os esforços, as tabuinhas permaneciam mudas. Foi somente por volta do ano de 1900 que os velhos textos, finalmente decifrados, começaram a narrar de novo — após uma pausa de 2500 anos — um dos mais belos poemas do Antigo Oriente, a epopéia de Gilgamesh. Está escrita em acádico, a linguagem cortesã e diplomática do tempo de Assurbanipal. Mas a forma que tinha, quando se encontrava na Biblioteca de Nínive, datava já de 2.000 anos, do tempo do grande rei Hamurabi de Babilônia, como se pôde verificar mais tarde, por um segundo exemplar encontrado no local dessa metrópole, às margens do Eufrates.

(2). — Historiador e missionário americano, de Greensborough, perito em dilúvio.

Descobertas posteriores confirmaram a suposição de que a epopéia de Gilgamesh pertencia aos tesouros culturais de tôdas as grandes nações do Antigo Oriente; os hititas, como os egípcios, traduziram-na para a sua língua. Era a epopéia uma antiqüíssima e misteriosa narrativa, em 300 estrofes, gravada em 12 maciças tabuinhas de barro e contava as aventuras maravilhosas do lendário rei Gilgamesh.

c). — *Criações intelectuais da literatura mesopotâmica.*
Os grandes poemas mitológicos.

A partir da época sumeriana, ou, talvez, desde os tempos de Hamurabi, foram concebidas e transcritas grandes narrativas mitológicas, transmitidas, não sem variantes, por gerações de escribas e que constituem o fundo clássico da literatura mesopotâmica.

Entre essas maravilhas de uma literatura ainda ignorada, são justamente célebres dois grandes poemas mitológicos: o *Enuma elish* (Quando lá do alto...) e o *Poema de Gilgamesh* (Sha nagba imuru, isto é, Aquêlê que tudo viu).

O *Enuma elish* — assim designado pelas duas primeiras palavras — é um conjunto de lendas cosmogônicas.

Também chamado *Poema da Criação* nêle se conta como o mundo se organizou, após o primitivo caos. A princípio, diferenciavam-se a água doce e a água salgada, formando um par: *Apsu*, o oceano benfazejo e *Tiamat*, o oceano-maléfico. Dêste primeiro casal, nascem os deuses, aos pares também, mas revoltam-se contra *Apsu* e *Tiamat* e depois de uma luta titânica, um dêles — aliás variável — vence. Torna-se o organizador do mundo, o criador de todos os sêres, terrestres, animais e homens.

A *Epopéia de Gilgamesh* narra, em múltiplos episódios, as aventuras do fundador e rei da cidade de Uruk, personagem real, mas sublimado pelo mito. Nela se encontram narrativas de combates, expedições contra monstros, o relato do dilúvio, a conquista e depois a perda da planta espinhosa que assegura a eterna juventude e a evocação do espírito de um companheiro de armas. Êste breve sumário é suficiente para sugerir as múltiplas repercussões da epopéia, fora da Mesopotâmia, referências que nos aproximam do Gênesis bíblico, da Odisséia, ou da lenda de Hércules.

*

II. — O POEMA DE GILGAMESH (*Sha nagba imuru*)

A epopéia de Gilgamesh é, sem dúvida, a mais notável criação poética da antiga Babilônia. De origem sumeriana antiga, incorporou, entretanto, no decorrer dos tempos, inúmeros elementos semíticos,

convertendo-se, assim, na epopéia pròpriamente nacional dos babilônios. Compreende 12 cantos — chamados 12 tábuas — em um idioma sujeito a ritmo e, como em certas poesias semíticas, disposto em formas paralelas.

Gilgamesh era rei de Uruk, uma das cidades mais meridionais do país. Desde o seu nascimento, os deuses o agraciaram com qualidades excepcionais. Um deus, sobretudo, o amava e protegia; chamava-se Shamash, o deus do Sol e da Justiça. Dizia-se, aliás, que Gilgamesh pertencia a uma espécie de semideuses, isto é, possuía um têrço homem e dois têrços deus. De qualquer forma, representava um paladino, sempre pronto a defender os oprimidos, atacando, fortemente, os que não reconheciam a autoridade de Shamash, seu protetor. Ora, entre êstes revoltados, destacava-se o mais terrível e temível, o gigante Humbaba, senhor da montanha dos Cedros. Como Humbaba já havia conseguido várias vitórias, Gilgamesh resolveu, um dia, partir para aquelas regiões distantes e combatê-lo. Seu amigo, o valoroso Enkidu, companheiro-fiel nas mais perigosas expedições, recusa, desta vez, acompanhá-lo. Alega que, certa ocasião, tendo-se aproximado da montanha dos Cedros, a voz do gigante lhe chegara aos ouvidos, causando-lhe tal impressão que não se sente mais com coragem para nova aventura. Gilgamesh, então, resolve partir sozinho. Parte para obedecer a Shamash, seu protetor e também pelo desejo de se ilustrar. Ante a recusa do amigo, responde altivo: — “Se fracassar, terei pelo menos a glória de haver tentado a difícil empreza”! Ante esta inflexível vontade, desejoso também de aventuras gloriosas, Enkidu declara-se resolvido a acompanhar seu rei e amigo. O texto referente à viagem dos dois heróis está seriamente mutilado. A narração prossegue, quando os dois jovens trocam idéias, ao pé da montanha, cujas árvores lhes parecem extremamente altas. Relatam os sonhos que tiveram, discutindo-lhes o sentido e o alcance. De fato, em sonho viram ruir sob seus pés a montanha de Cedros o que significava para Enkidu um funesto presságio; para Gilgamesh, ao contrário, o sonho é sinal da próxima vitória. Concordam em recorrer a Shamash, implorando-lhe auxílio. Shamash responde, sem demora, à fervorosa súplica. Acorrem de tôdas as partes os elementos desencadeados, a serviço do rei de Uruk: um furacão, o vento do norte, uma brisa glacial, um turbilhão, além de outros — ao todo 8 ventos — se levantam no horizonte para atacar o gigante dos Cedros. Impossibilitado de agir, não pode avançar, nem recuar; atordoado, reconhece-se vencido. Gilgamesh parece disposto a poupá-lo, mas Enkidu convence-o de que tão terrível adversário, agora em suas mãos, não deve sobreviver. Após um combate, cujo texto não foi conservado, Gilgamesh e Enkidu cortam a cabeça do gigante. Apoderam-se da montanha e destroem o santuário que se elevava no seu cume. Depois

de outras aventuras, Gilgamesh volta a Uruk onde é recebido como triunfador. Mas, se sua vitória agrada ao deus Shamash, provoca, por outro lado, o ressentimento de Bel, senhor da Terra, deus mais poderoso que Shamash e, além disso, amigo e protetor do gigante dos Cedros. Todos êsses deuses da Caldéia se combatiam constantemente, e eram muito ciumentos dos homens, seus escravos. Lutavam para conservar seus privilégios e, sobretudo, o segredo da vida eterna.

Tendo Gilgamesh, além de tudo, cometido a imprudência de indispor contra si Ishtar, Bel se associa à grande deusa para se vingar do rei de Uruk, e sobretudo de Enkidu que, como vimos, recusara agraciar o gigante. Com efeito, poucos dias depois de seu regresso a Uruk, Enkidu é atingido por um mal estranho — a lepra talvez — e morre. Profundamente abalado pela morte do amigo, Gilgamesh o chora amarga e sinceramente. Chora principalmente sobre o próprio destino, sentindo-se também ameaçado.

Dizia-se — e Gilgamesh não o ignora — que existe, no fim do mundo, uma região abençoada, uma espécie de paraíso, onde cresce a planta maravilhosa que restitui ao velho o vigor da juventude.

Mais uma vez Gilgamesh abandona a pátria, atravessa imensa planície, em busca da planta milagrosa. Após longa jornada, um pouco ao acaso, chega ao pé da montanha Mashu. Lá encontra dois seres estranhos, metade homens e metade escorpiões, que guardam a porta por onde o sol penetra, cada noite, após um dia de marcha, e vai mergulhar no reino das sombras. Gilgamesh suplica aos guardas lhe mostrem o caminho que conduz ao país onde cresce a Planta da Vida. Êles, porém, procuram dissuadí-lo de tal empreendimento: — “O caminho é longo, afirmam, e densas as trevas. Como poderias atravessar a montanha?” Gilgamesh, contudo, não é homem para seguir os conselhos da prudência. Penetra nos desfiladeiros da montanha, caminha durante duas horas, depois quatro, depois oito, no meio de trevas cada vez mais espessas. Ao cabo de 18 horas, o vento norte começa a soprar, depois de 22 horas, surge a aurora e na 24.ª hora, o Sol reaparece. Nosso herói se encontra à entrada de magnífico jardim, cujos frutos têm a côr do lápis-lazuli; é cultivado pela ninfa Sabitu (ou Siduri). Assustada com a presença de Gilgamesh, a ninfa se esconde em sua casa, fechando cuidadosamente a porta. Irritado, a princípio, o herói ameaça arrombar a porta e tudo arrebentar. Mas pouco a pouco se acalma e é com voz súplice que implora. Quer apenas saber o caminho que leva ao paraíso; conta-lhe suas desgraças e esperanças. — “Enkidu morreu! grita desesperado. Um dia, eu também, não me deitarei para não mais me levantar?” Então Sabitu, comovida ante essa imensa aflição, responde: — “Ó Gilgamesh, por que corres assim de todos os lados? A vida que bus-

cas, jamais a encontrarás. Quando os deuses criaram a humanidade, fizeram-na mortal e a Vida, êles a retiveram em suas mãos. Alegra-te pois, dia e noite. Que cada um de teus dias seja um dia de festa! Sê feliz e contente dia e noite!”

Gilgamesh bem sabe que é êsse o destino comum dos mortais. Mas êle, que já é dois terços deus, não se poderia tornar completamente deus, conquistando o terço que lhe falta? — “Mostra-me apenas o caminho, repete sem cessar, diga-me como se pode atravessar o mar que nos separa do Paraíso?”

E Sabitu responde: — “Ó Gilgamesh, para lá não há caminho. Ninguém jamais atravessou o mar. A não ser Shamash, o Sol, quem poderia atravessá-lo?” Movida, porém, de compaixão, conta-lhe que existe na floresta vizinha um hábil marinheiro; é, igualmente, um ótimo lenhador. Gilgamesh parte à procura do marinheiro, com êle combina e ambos constroem uma barca que os leva através de inúmeros perigos, ao país onde vive Utnapishtim, seu antepassado. Lá chegando, Gilgamesh interroga Utnapishtim sobre o “mistério da vida”. Utnapishtim conta-lhe, então, que vivia em Suruppak e era um fiel adorador do deus Ea. Quando os deuses decidiram exterminar a humanidade, por meio de uma inundação, Ea avisou o seu adorador Utnapishtim. Descreve, em seguida, a Gilgamesh a terrível catástrofe de que foi salvo. A inscrição cuneiforme da tabuinha XI da Biblioteca de Nínive é o relato dêsse tremendo dilúvio. Diz ainda que o privilégio da imortalidade não lhe pode ser conferido pelos deuses, mas que existe, muito longe, uma planta milagrosa que lhe restituirá o vigor da juventude.

Parte Gilgamesh para o país onde cresce a “planta que dá a vida”. Sabe que se trata de uma planta marinha e que somente êle — se tiver coragem — poderá colhê-la; ninguém mais. Amarrando aos pés duas pesadas pedras, desce ao fundo do mar, arranca um galho da planta, solta as pedras e volta à superfície, gritando cheio de alegria: — “Hei-de comê-la e recuperarei o vigor de minha juventude!”

Antes a tivesse comido logo, quando ainda se achava no Paraíso! Com efeito, em sua viagem de regresso, como fazia muito calor, Gilgamesh foi descansar junto de fresca fonte, para estancar a sede que o devorava. Mas eis que, enquanto bebia, uma serpente, atraída pelo odor da planta que Gilgamesh colocara no chão, uma serpente que surge do meio das pedras, toma o ramo e desaparece. Inútil e vão o desespero do herói... Gilgamesh sabe agora que jamais há-de recuperar o vigor da juventude; deverá morrer, como morrem todos os homens, como morrera Enkidu, apesar de seus apaixonados gritos.

Então, pede aos deuses que lhe permitam rever, por um instante apenas, o amigo. Com grande dificuldade, obtém dos imortais que

a terra se abra, para deixar passar, como uma sombra, o espectro de Enkidu. Gilgamesh o interroga ansiosamente, mas, dêste diálogo patético, apenas algumas palavras foram conservadas, as últimas do poema.

= “Fala, amigo, dize-me qual a lei da terra que tu viste! — Não t’a posso revelar, ó amigo; se o fizesse, se te dissesse qual a lei da terra que vi, tu só poderias sentar-te e... chorar. Enkidu, teu amigo, tornou-se terra argilosa; está cheio de pó, tornou-se pó!”

Gilgamesh quer interrogá-lo ainda, mas a sombra de Enkidu desaparece. Volta Gilgamesh a Uruk, a cidade das altas muralhas, deita-se para dormir e a morte vem colhê-lo na sala de seu esplêndido palácio.

III. — TEXTO DO XIº CANTO DO POEMA DE GILGAMESH

Sha nagba imuru (Aquêlê que tudo viu).

A inscrição cuneiforme da tabuinha XI da Biblioteca de Nínive conta que Gilgamesh, desejoso de assegurar a sua imortalidade, empreende longa e aventureira viagem a fim de encontrar seu antepassado Utnapishtim, de quem espera saber o mistério da imortalidade que os deuses lhe conferiram. Chegando à ilha em que vive Utnapishtim, Gilgamesh interroga-o sobre o “mistério da vida”. Utnapishtim conta-lhe que vivia em Shurupak e era um fiel adorador do deus Ea. Quando o conselho dos deuses decidiu exterminar a humanidade por meio de uma inundação, Ea avisou o seu adorador Utnapishtim.

Sabe-se hoje que a tabuinha XI da epopéia de Gilgamesh deve reproduzir as palavras de uma testemunha ocular. De fato, só uma pessoa que viu com os próprios olhos a desolação que resultou da catástrofe seria capaz de pintá-la de maneira tão tocante e precisa.

Ei-la, numa tradução feita de um texto italiano (3):

“Gilgamesh responde ao seu antepassado Utnapishtim: — Eu te observo, “Utnapishtim e tu não és nem maior nem mais poderoso do que eu e te assemelhas a mim como um pai ao filho. Tu não foste feito diversamente e tu és simplesmente um homem. Eu, porém, não estou em paz; fui criado para lutar. Tu te retiraste, em vez de lutar e descansas tranqüilamente, deitado de costas. Como pudes-te entrar na Assembléia dos deuses, procurar e encontrar a vida?

“Utnapishtim responde:

“Quero revelar-te, ó Gilgamesh uma coisa escondida, quero comunicar-te um segredo dos deuses. Shurupak é uma cidade sobre

(3). — *L'epopea di Gilgamesh*. Breviari Mistici nº 16. Milano.

o Eufrates; tu já a conheces. E' uma cidade antiga e os deuses sempre lhe foram propícios. Porém, um dia, resolveram fazer cair sôbre a terra um dilúvio. No conselho dos deuses estava também presente Ea, deus da profundidade, e êle confiou à minha casa, feita de junco, a decisão que os deuses tomaram.

“Ó casa de junco, ó casa de junco! Parede, parede! Ouve, cabana de junco! Escuta, ó parede! Homem de Shuruppak, Utnapish-tim, filho de Ubara-tutu, constrói uma casa de pedra, constrói um navio! Abandona tuas riquezas, despreza os haveres e salva a vida! Transporta para a nave tôda sorte de semente de vida. Faze que o seu comprimento e a sua largura tenham a justa proporção! Constrói a nave com acêrto. Leva-a ao mar de água doce e dá-lhe um teto”.

Compreendi aquelas palavras e disse ao deus Ea, meu senhor:

“— Farei, ó meu senhor, o que me ordenas. Obedecerei com veneração às tuas ordens. Mas, que deverei dizer à cidade, ao povo e aos anciãos?”

Ea abriu a bôca e me disse, a mim, seu servo:

“— Ó filho do homem, dize-lhes o seguinte: O grande deus Bel não me vê com bons olhos; quero pois deixar a vossa cidade e abandonar o país de Bel. Quero emigrar para o país de água doce, para habitar perto de Ea que me é um senhor benévolo. Êle me abençoará com tôda sorte de riquezas”.

“Quando surgiu a aurora, preparei tôdas as coisas; fui para perto do mar de água doce, preparei legume e peixe, tracei o plano da nave e tracei-o como fôra indicado. Tôda a minha gente, tanto os fortes como os fracos, participaram do trabalho. No mês do grande Shamash, a nave ficou pronta. Carreguei tudo o que possuía; (objetos) de ouro e de prata e tôda sorte de semente de vida. Fiz subir no navio tôda a minha família e os parentes próximos; fiz entrar o gado dos campos e os animais dos campos. Ordenei que subissem os artesãos, hábeis nos diversos trabalhos. O deus me havia indicado uma data: “Na tarde em que o espírito das trevas fizer cair uma chuva terrificante, entra no navio e fecha a porta”!

“Quando chegou o tempo, o espírito das trevas fêz descer sôbre a terra uma chuva terrível. Olhei o temporal e o temporal era tremendo de ver. Entrei no navio e fechei a porta. Deixei que o piloto dirigisse a grande nave. Quando começou a brilhar a luz da manhã, levantou-se uma nuvem, negra como um corvo. Enfurecia-se o espírito do mal e tôda a claridade se transformou em escuridão. Soprava um vento sul, as águas borbulhavam, as águas subiam até os montes, as águas caíam sôbre os homens. O irmão não reconhecia mais o próprio irmão. Até os deuses tiveram medo daquela tempestade; fugiram, subiram na montanha celeste de Anu e rosnavam, agachados como cães. Ishtar gritava como uma mulher com as dores de um parto difícil; a grande deusa berrava assim, com sua bela voz: “O lindo país dos primeiros tempos transformou-se em lama, porque, na assembléia dos deuses, dei um mau

conselho! Como foi possível que eu sugerisse uma coisa tão má, no conselho dos deuses? Como pude pensar em destruir toda a minha gente? Agora, as ondas os transportam como no furor de uma batalha. Acaso, quis eu que os homens procreassem e nascessem só para encher de tal forma as águas, como se fôsem habitantes do mar”?

“E todos os deuses choravam com ela e se sentavam, derramando lágrimas de dor. Tinham os lábios fechados pelo tormento de sua pena”.

“A chuva semelhante ao barulho de um riacho, continuou a cair durante seis dias e seis noites. Ao sétimo dia, o dilúvio cessou; e houve um silêncio como depois de uma batalha. O mar se acalmou e a tempestade, de repente, passou. Olhei a atmosfera que se havia acalmado. Todos os homens estavam transformados em lama. A superfície da terra era uniforme e deserta. Abri uma janela e a luz iluminou o meu rosto. Prostrei-me, sentei-me e chorei. As lágrimas me caíam pelo rosto. Olhei aquêle vasto deserto de água. Gritei e vi que todos os homens estavam mortos. Passadas doze horas, vi surgir no horizonte uma ilha. O navio pousou sobre o monte Nizir. O navio parou e ficou firme sobre o monte Nizir. O monte susteve a nave durante seis dias; no sétimo dia, tomei uma pomba e deixei-a partir. A pomba foi-se embora e depois voltou; não tendo encontrado nenhum lugar onde pousar, voltou à nave. Tomei depois uma andorinha e deixei-a partir. A andorinha voou e depois voltou; não tendo encontrado nenhum lugar onde pousar, voltou à nave. Tomei então um corvo e deixei-o partir. O corvo partiu, viu que as águas estavam descendo, comeu, arranhou a terra, agradou-se e não voltou mais. Então deixei que os animais se espalhassem em todas as direções e sacrifiquei um cordeiro, espalhei os grãos do sacrifício sobre o monte e queimei cedro e murta. Os deuses sentiram o odor e o perfume lhes enchia de prazer as narinas. Os deuses se reuniram como moscas, em torno do sacrifício. Quando chegou a rainha dos deuses, levantou as ricas jóias que Anu, deus do céu, lhe havia dado como ornamento e disse: “Ó vós deuses, como é verdade que eu jamais esquecerei estas jóias que ornem o meu colo, assim sempre recordarei este dia e não mais o esquecerei. Que todos os deuses venham participar do sacrifício, mas que Bel fique distante! Ele fez surgir este dilúvio, sem refletir, e levou à extrema infelicidade os homens, meus filhos”.

O grande Bel chegou e quando viu a nave, enfureceu-se e se atirou contra os outros deuses:

“Quem é este ser vivo que fugiu ao seu destino? Nenhum deveria ter sobrevivido ao meu julgamento”.

Ninib, deus da guerra abriu a boca e disse ao poderoso Bel:

— “Quem, senão Ea, é autor dessas coisas sábias? Ea conhece tudo e é cheio de perspicácia”!

Ea, deus da profundidade, abriu a bôca e disse ao poderoso Bel:

— “Tu, deus poderoso e soberano, como pudeste fazer cair êste dilúvio, sem refletir? E’ justo que os culpados sejam punidos! E’ justo que o pecador expie o seu pecado, mas cuida que todos os homens não sejam aniquilados; pune os maus, mas não extermines todos os homens! Em vez de provocar um dilúvio, deverias mandar qualquer outro monstro e diminuir o número dos homens. Em vez do dilúvio deverias ter mandado uma fome para castigar o país. Eu não traí o segredo dos deuses, mas fiz que aquêlê que é muito sábio visse em sonho e adivinhasse os secretos desígnios dos deuses. Tens agora a prova”!

“Ea subiu à nave, tomou-me pela mão, conduziu-me a terra, a mim e a minha mulher, fêz que minha mulher se ajoelhasse ao meu lado, colocou-se atrás de nós e pondo sôbre nós dois a sua mão, nos abençoou: — Outrora, Utnapishtim era um homem mortal; de hoje em diante Utnapishtim e sua mulher serão semelhantes a nós e Utnapishtim habitará ao longe, perto do mar, em que desembocam os rios. Assim pois, me afastaram os deuses e me fizeram habitar junto da embocadura dos rios.

“Mas que deus terá pena de ti, qual dêles te levará junto dos outros deuses a fim de que encontres a vida que buscas? Toma cuidado agora para não dormir durante seis dias e seis noites”!

Apenas Gilgamesh se sentou, soprou sôbre êle um sono forte como um grande vento.

Utnapishtim disse a sua mulher:

— “Olha que forte que quer a vida! O sono sopra sôbre êle como um vento”.

A mulher disse a Utnapishtim:

“Tolo, por que ficas acordado? Faze que êle possa retornar são e salvo, pelo longo caminho por onde veio. Faze que êle possa voltar ao seu país pela porta por onde saiu”!

Utnapishtim disse à mulher:

“Oh! tu tens piedade do homem! Assa algum pão para que êle possa pôr sôbre a cabeça”.

Assim, quando êle caiu, junto ao costado da nave, vencido pelo sono, ela lhe preparou alguns pães e os pôs perto de sua cabeça. Gilgamesh jazia apoiado ao flanco do navio e, enquanto dormia, Utnapishtim lhe disse:

— “A massa do pão está misturada,
um segundo pão é amassado,
um terceiro pão é umedecido,
um quarto é polvilhado de farinha e pôsto no forno,

um quinto pão já está assado,
um sexto está quase...”.

Naquele instante tocou-o inesperadamente e o estrangeiro acordou. Gilgamesh disse ao seu antepassado Utnapishtim:

— “Tomado pelo cansaço, fui vencido pelo sono. O sono se abateu sobre mim como um homem forte. Tu me tocaste em tempo e eu acordei”.

Utnapishtim lhe respondeu:

— “Seis pães foram preparados e tu já dormias profundamente. Aquêles pães deveriam ter-te acordado”.

Gilgamesh disse ao seu antepassado Utnapishtim:

— “Que me resta fazer agora, ó Utnapishtim? Devo acaso voltar? O sono me apanhou como um ladrão e nesse sono se oculta a morte. Na minha casa e onde eu moro, reside a morte”.

Utnapishtim disse ao piloto Ur-Shanabi:

“Ur-Shanabi, as costas de meu país não mais deverão reverter e o pôrto não deverá mais deixar-te passar! Não quero mais que tragas, de além-mar, um mortal que venha chorar às minhas margens! A meu ver, o homem que trouxeste tem uma veste suja. As peles dos animais lhe tiraram a beleza do corpo. Conduze-o ao banho. Ur-Shanabi, que ele se lave na água, que se dispa de sua pele a fim de que o mar o leve para longe. Quero que seu corpo volte a ser belo! Quero que novas bandas cinjam sua cabeça e que uma esplêndida veste lhe cubra a nudez. Quero que esta veste não se use até que ele tenha chegado à sua cidade, até que tenha refeito a estrada. Quero que a veste torne a ser nova dia a dia”!

Então, Ur-Shanabi o tomou consigo e o conduziu ao banho; Gilgamesh lavou-se na água e se despojou das peles que o mar levou para longe. Seu corpo resplandece de nova beleza. Cinge sua cabeça de novas bandas e veste uma esplêndida túnica que cobre a sua nudez. Este hábito não devia consumir-se até que ele tivesse voltado para sua cidade, até que tivesse refeito a estrada; a veste torna-se nova dia a dia. Gilgamesh e Ur-Shanabi subiram na barca e a empurraram sobre a onda, depois partiram.

Então, a mulher disse a Utnapishtim:

— “Gilgamesh partiu; cansou-se e muito sofreu. Que lhe dás para que ele volte feliz a sua pátria”?

Gilgamesh ouviu a conversa, tomou o leme e fez a barca aproximar-se de novo da margem. Utnapishtim disse a Gilgamesh:

— “Gilgamesh, tu tinhas partido, tu te cansaste e muito sofreste. Que queres que te dê para que retornes em paz à tua pátria? Revelar-te-ei um segredo, falar-te-ei de uma desconhecida planta milagrosa. Tem o aspecto da ameixa e cresce no fundo do mar; seu espinho é como o acúleo de um porco-espinho. Ela cresce no distante mar de água doce. Se conseguires apoderar-te dessa planta e comê-la, terás encontrado a eterna juventude e a vida”.

Gilgamesh ouviu estas palavras e depois, êle e Ur-Shanabi, seguiram pelo mar. Quando chegaram ao mar de água doce, Gilgamesh desatou o cinto, tirou a veste e amarrou uma pesada pedra ao pés. A pedra o carregou para o fundo do Oceano e logo êle encontrou a planta, semelhante a uma ameixa. Colheu a planta, agarrou-a fortemente com as mãos, soltou dos pés a pesada pedra e voltou para junto da barca. Ajudado pelo piloto, subiu na barca, tendo nas mãos a maravilhosa flor do mar.

Gilgamesh disse ao piloto Ur-Shanabi:

— “Ur-Shanabi, eis a planta! E’ uma planta que dá a vida! O ardente desejo do homem foi enfim satisfeito; ela lhe conservará tôda a fôrça da juventude. Quero levá-la para dentro das poderosas muralhas de Uruk; quero que a comam todos os heróis, quero reparti-la com todos. A planta se chama: “O velho homem torna-se jovem” — Quero comê-la e recuperar a plena fôrça de minha juventude”.

Horas seguidas, navegaram êles com ventos propícios; viram em seguida, ao longe, um pequeno trecho da costa. Depois de trinta horas aportaram e descansaram. Gilgamesh descobriu uma nascente de água fresca e agradável. Entrou e lavou-se. Uma serpente, porém, sentiu o perfume da planta milagrosa e roubou-a. O herói volta e lança uma maldição. Gilgamesh senta-se e chora; as lágrimas lhe correm pelo rosto. Olhando para Ur-Shanabi, o piloto, exclama:

— “Por que se fatigaram os meus braços, ó Ur-Shanabi? Por que derramei o sangue de meu coração? Desta minha empresa, nenhuma vantagem me veio, a não ser para aquêlê verme que rasteja sôbre a terra! Aquêla planta me levou ao mar; agora evitemos as ondas do mar e dos rios e deixemos o barco na margem”.

Assim caminharam durante vinte horas seguidas e viram enfim o cimo da torre do templo. Depois de trinta horas seguidas, descansaram e levantaram os olhos para a cidade do templo sagrado. Entraram em Uruk, cidade das altas muralhas. Então disse Gilgamesh ao piloto:

— “Sobe sôbre os muros, Ur-Shanabi. Faze a volta das muralhas de Uruk, cidade fortemente defendida! Olha como são sólidos

dos os seus fundamentos, como é alta a colina do templo; olha os altos edifícios feitos de tijolos; e todos foram cozidos no forno! Sete sábios, conselheiros meus, fizeram os planos. Quero que te pertença um terreno, um jardim e um gineceu; quero que construas a tua casa na cidade de Uruk”.

Fim do XIº canto.

*

IV. — O DILÚVIO BÍBLICO E AS TRADIÇÕES DILUVIANAS.

O *Dilúvio bíblico* não é um mito; é um fato histórico cuja realidade pode ser provada.

A narrativa mosaica reproduz a tradição hebraica a respeito do cataclisma. E' o fato mais saliente da história religiosa entre Adão e Abraão: a grande inundação que Deus mandou para castigar a corrupção. O autor se serviu de duas fontes, combinadas no decurso da narrativa, deixando subsistir divergências e acrescentando algumas notas a fim de harmonizar o conjunto da narração. Insiste sobretudo no que elas têm de comum, isto é, a existência de uma grande inundação como castigo dos pecados dos homens.

Que foi propriamente o dilúvio (4)?

Conforme *Gên.* VII, a grande inundação é produzida aqui pela mistura das águas de baixo, irrompidas totalmente, com as de cima do firmamento que se rompeu (I, 9), voltando para o caos primordial. Já no v. 12, pertencente a outra fonte, e no v. 4, é produzido por chuvas torrenciais. A lembrança de um dilúvio — catástrofe por inundação — que destruiu a humanidade e o mundo, com exceção de alguns homens, salvos graças a uma proteção divina, encontra-se em muitos povos. Os relatos assiro-babilônicos têm notáveis afinidades com a narração bíblica.

Muitos são os textos que mencionam o cataclisma. Jeremias (em *Das Alte Testament im Lichte des alten Orients*, 1930) cita dez. Entre os hebreus, a transformação dessas lendas em tradição popular se fez antes que a narrativa fôsse reproduzida nos documentos bíblicos. O empréstimo, se é que houve empréstimo, não se deu em época recente e não é obra de um homem, mas de várias gerações.

“Nada se opõe a que a história do dilúvio tenha sido conhecida pelos antepassados de Israel, durante a estada na Mesopotâmia e que se tenha conservado, modificando-se e expurgando-se, entre os descendentes de Abrão, até o momento em que a vemos fixada nos textos bíblicos” (5).

(4). — Dilúvio é palavra usada nas línguas neo-latinas, vindas do mesmo latim; em alemão *Sund-flut* = dilúvio por causa do pecado; em hebraico *mabul* = inundação, desastre.

(5). — A. Loisy, *Les mythes chaldéens de la création et du déluge*.

Outros críticos, porém, reconhecem na lenda caldaica e na narração mosaica, duas narrativas paralelas, nascidas de uma tradição comum e mais ou menos fielmente conservada. Representam duas formas independentes, nacionais e locais, da tradição semítica. São tradições irmãs que, sob a influência de causas físicas e morais, étnicas e geográficas, se diversificaram. A tradição-mãe estaria mais bem conservada na narrativa de Moisés do que nos documentos babilônicos onde se acha desfigurada por alterações mitológicas.

*

V. — AS TRADIÇÕES DILUVIANAS.

Além do Gênesis, existem pois, muitas tradições diluvianas. A mais importante e a mais próxima da narrativa mosaica é a tradição caldaica, da qual possuímos duas versões desigualmente desenvolvidas: a de *Bérose*, conservada por Eusébio (*Crônicas*, I, I cap. III) e a do *poema de Gilgamesh*, decifrado em 1872.

Muito antes da descoberta dos textos cuneiformes, já se conhecia o parentesco existente entre a narração bíblica e a tradição babilônica do dilúvio, pelo relato que Bérose, sacerdote babilônico, fez do “*μέγας κατακλυσμός*”.

Entre aqueles textos, convém citar: o texto sumério de Nippur, proveniente das escavações feitas pelos americanos em Nippur (sobre o Eufrates) e que forma uma espécie de Gênesis caldaica, redigido em sumeriano, língua que precedeu a dos semitas na Baixa Caldéia e que data provavelmente do século XIX a. C. Foi publicado em 1914, por Poebel. Há ainda um fragmento, chamado “de Hilprecht” (do nome do editor), que consta de 14 linhas, com as ordens de um deus ao herói do dilúvio, especialmente para a construção de um grande navio. Mas é sobretudo no relato do dilúvio, inserido na epopéia de Gilgamesh, que se encontra a forma definitiva da tradição. Como o fragmento de Hilprecht, este é talvez do ano 2.000. O de Bérose é posterior ao Gênesis, encerrando, contudo, elementos mais antigos. Estas diversas narrativas concordam nas grandes linhas, embora apresentem inúmeras divergências. Vejamos a interpretação das duas mais importantes, a de Bérose e o Poema de Gilgamesh.

Segundo a *interpretação de Bérose*, sob o reinado de Xisuthros, deu-se o grande dilúvio, cuja história é assim contada, nos documentos sagrados.

Chronos apareceu em sonho a Xisuthros e lhe anunciou que, a 15 do mês de daisios todos os homens pereceriam no dilúvio. Ordenou-lhe, pois, que tomasse o começo, o meio e o fim de tudo o que se achava consignado por escrito e o enterrasse na cidade do Sol,

em Sippara, e depois construiu um navio e nêle entrou com sua família e os amigos mais caros. Devia depositar no navio as provisões necessárias e nêle fazer entrar os animais quadrúpedes e aves, e que preparasse tudo para a navegação. Quando Xisuthros lhe pergunta para que lado deve dirigir o navio, Chronos responde: “Na direção dos deuses”, e que rezasse para que acontecesse o bem aos homens. Xisuthros obedeceu e construiu um navio de 5 estádios de comprimento e 3 de largura. Reuniu tudo o que lhe fôra prescrito e embarcou a mulher, os filhos e os amigos mais íntimos. Sobrevindo o dilúvio e decrescendo as águas algum tempo depois, Xisuthros soltou algumas aves que, não encontrando nem alimento, nem lugar para pousar, voltaram ao navio. Alguns dias depois, Xisuthros deu-lhes de novo a liberdade, mas voltaram ainda ao navio, com os pés cheios de lama. Enfim, soltas pela terceira vez, as aves não mais voltaram. Então Xisuthros compreendeu que a terra já estava descoberta; fez uma abertura no teto do navio e viu que êste tinha parado sôbre uma montanha. Desceu, pois, com a mulher, a filha e o piloto (que o texto de Gilgamesh chama Ur-Shanabi ou Puzur-Kurgal), adorou a terra, ergueu um altar e sacrificou aos deuses. Nesse instante, desapareceu com aquêles que o acompanhavam. Entretanto, os que haviam ficado no navio, vendo que Xisuthros não voltava, desceram por sua vez em terra e começaram a procurá-lo, chamando-o pelo nome. Não mais viram Xisuthros, mas uma voz do céu se fêz ouvir, preservando-lhes que fôsem piedosos para com os deuses. Na verdade, êle recebia a recompensa de sua piedade, sendo arrebatado para habitar no meio dos deuses, e sua mulher, a filha e o piloto participavam da mesma honra. Disse-lhes, ainda, a voz, que voltassem para a Babilônia e, conforme aos decretos do destino desenterrassem os escritos escondidos em Sippara, para transmiti-los aos homens. A voz acrescentou que o país onde se achavam era a Armênia. Então, depois de sacrificarem aos deuses, voltaram a pé para a Babilônia. Do navio de Xisuthros, que parara enfim na Armênia, dizem que uma parte ainda subsiste nos montes Gordianos, na Armênia, e os peregrinos trazem consigo um pouco do betume que raspam dos destroços. Dêles se servem para afastar as influências maléficas. Quanto aos companheiros de Xisuthros, voltaram para a Babilônia, desenterraram os escritos depositados em Sippara, fundaram numerosas cidades, construíram templos e restauraram Babilônia.

A outra tradição, que é mais interessante ainda, é a *epopéia de Gilgamesh*. Está escrita em tabuinhas cuneiformes, exumadas da Biblioteca de Assurbanipal, em Nínive e conservadas no Museu Britânico, em Londres. Foram copiadas no século VII a. C., de um exemplar muito antigo, proveniente de Erech, na Caldéia. E’ desco-

nhecida a data do original. Entretanto, George Smith a faz remontar a 17 séculos, pelo menos, antes de nossa era. A narrativa do dilúvio é apenas um episódio do poema de 12 cantos que conta as proezas do herói Gilgamesh. O dilúvio vem reproduzido na 11a. tabuinha, e constitui o 11º canto que existe quase completo.

Gilgamesh foi ter com seu antepassado Utnapishtim (ou Samas-napisht-tim), no país distante e de difícil acesso, para onde os deuses o haviam transportado, a fim de gozar da eterna felicidade.

Observemos aqui que o herói posto em cena é o mesmo que o de Bérose, apesar da diferença dos nomes. O *Xisuthros* de Bérose é a transcrição grega de *Zi-ud-sud-du*, do texto sumeriano de Nippur, sendo *Utnapishtim* (ou Um-napishtim) da epopéia de Gilgamesh a tradução acádica, significando, na sua forma completa, *Um-napishtim-ruqu*, isto é, “dia de vida distante, longa vida”.

Semelhanças e divergências.

O 11º canto do poema de Gilgamesh apresenta numerosos pontos de contacto com a narração bíblica do dilúvio. As semelhanças que existem na marcha geral da narração, na ordem da composição e, às vezes, até nos pormenores do estilo tornam indiscutível o parentesco dos vários documentos. Verificam-se, todavia, notáveis divergências. Sem falar no cunho politeísta e mitológico do poema caldaico, este foi composto por um povo marítimo e traz a marca dos costumes dos habitantes do Golfo Pérsico; enquanto que, no Gênesis, o dilúvio é descrito por um povo continental. Se as analogias mostram um fundo comum, as divergências, bem características, estabelecem a individualidade própria das duas narrativas. Mais do que as divergências, concordam as semelhanças. Em tôdas, o dilúvio separa a história em duas grandes épocas. E’ também o mesmo *personagem* que aparece como herói; sob nomes diferentes: *Zi-ud-sud-du*, *Xisuthros*, *Utnapishtim-ruqu*, o significado é sempre o mesmo, “dia de vida distante, longa vida” e é muito provável que o nome de Noé (= descansar) Noah, em hebraico, exprima uma idéia análoga. Mas se os diversos nomes do herói babilônico do dilúvio lhe convém perfeitamente, visto que, feito semelhante aos deuses, participa de sua imortalidade, eles não convém, contudo, a Noé que não recebeu tal privilégio.

Em todos os textos, o *anúncio do cataclisma* se faz por uma revelação, ou de Elohim em P. ou de Iavé em J., ou do deus Ea, no poema de Gilgamesh e instruções são dadas para a construção da arca ou do navio.

O *resultado da catástrofe* causada pela chuva em J, como nos textos de Nippur, de Gilgamesh e de Bérose, é a morte de todos os seres vivos, com exceção dos que encontram refúgio no navio.

As aves soltas para observar o sítio, após o dilúvio, encontram-se em todos os relatos, com algumas variantes; aos três envios de pomba na Bíblia, correspondem três envios de pássaros diferentes na narração babilônica. O número três se impõe, assim como o número sete, para os sete dias de espera de Noé e de Um-napishtim, antes de soltar a pomba.

A *região* onde pousa a arca — os montes de Ararat, segundo P — parece identificar-se com aquela em que os textos babilônicos fazem parar o navio de Um-napishtim, pois o *Ararat* da Bíblia não é senão o *Arartu* das inscrições cuneiformes, designando a Armênia, de que o Turdistão, onde deve ser localizado o monte Nizir, fazia parte. Finalmente, o herói do dilúvio, bíblico ou babilônico, *oferece um sacrifício à divindade* e Iavé, como os deuses da Caldéia, vem aspirar o agradável odor do sacrifício. Noé e Utnapishtim são igualmente favorecidos com uma bênção divina.

A *concepção da divindade* oferece singular contraste; de um lado, é o monoteísmo, muito estrito e muito puro de J e de P, oposto ao politeísmo mais ou menos grosseiro dos textos babilônicos. Diante da majestade e do poder de Iavé ou de Elohim, soberano senhor dos elementos e dos seres, que triste figura fazem os deuses de Gilgamesh!

O dilúvio que eles próprios decidiram e desencandearam, os enche de um louco terror e, quando terminado, precipitam-se como môscas, farejando o bom odor do sacrifício que lhes é oferecido, enquanto discutem entre si sobre a responsabilidade do cataclisma.

Diverso, também, é o *caráter* moral das duas séries de narrativas. A Bíblia dá uma explicação moral do dilúvio; é o castigo merecido pelos homens cujos pecados ultrajaram gravemente a santidade divina. A êsse castigo, escapa Noé, homem justo, íntegro e temente a Deus. Nada disso se encontra nos textos babilônicos, pelo menos na narração principal, no poema de Gilgamesh. E' verdade que Bérose deixa entender que o cataclisma foi o castigo da impiedade, pois "foi por causa de sua piedade que Xisuthros mereceu ir habitar com os deuses, em companhia da mulher, da filha e do piloto". O fragmento sumeriano, embora assinalando a piedade de Zi-ud-sud-du (= Xisuthros), silencia a malícia dos outros homens. Além disso, o dilúvio aparece como um ato arbitrário e irrefletido dos deuses, censurado a Enlil (ou Bel) — o grande responsável pela decisão tomada — pela deusa Ishtar e pelo deus Ea que insistem sobre a desproporção entre a falta e o castigo. Assim "a teologia bíblica" do dilúvio com seu Deus único e santo, com o sentido moral dado ao acontecimento, permanece incomparável. Ela nos introduz num mundo religioso muito diferente do que vem descrito nos textos assiro-babilônicos". (Chaine).

Além dessas diferenças fundamentais, há outras — e elas são numerosas — de menor importância como sejam: a duração do dilúvio, as pessoas salvas, as dimensões do navio, ou ainda o arco-iris, sinal de aliança com Noé e seus filhos e que não têm seu paralelo nos textos babilônicos.

Outra diferença que oferece certo interesse para a respectiva data das tradições, diz respeito ao *grau de civilização* de cada uma. Com efeito, na referência babilônica, há menção de artesãos, de piloto, de ouro e prata em objetos de adorno. Segundo Bérosee, há mesmo escritos que devem ser preservados e que tratam do começo, do meio e do fim das coisas. Isto concorda perfeitamente com as afirmações, tantas vezes repetidas na literatura babilônica, de que a ciência data de antes do dilúvio. Na versão eslava do apócrifo de Henoch, vê-se Deus ordenando a dois anjos que enterrem os manuscritos de Adão e de Sete, para que não desapareçam com o dilúvio. E' curioso observar que as lendas hebraicas ignoram este interesse que a lenda babilônica do dilúvio tem pela continuidade da cultura e dos livros. Assim, a civilização material das narrações sumero-caldaicas é mais adiantada que a da narração bíblica, a qual, sob o ponto de vista cultural nos colocaria numa época anterior à da narração babilônica.

Ocorre qui uma pergunta: "Quando se deu o dilúvio?" Eis o comentário de Gên. VII, que se encontra em "A Bíblia mais bela do mundo" — *Datas extremas do dilúvio*:

"Começou no 10º dia do 2º mês de sexcentésimo ano da vida de Noé; terminou no 27º dia do 2º mês, quando Noé estava com 601 anos de vida. Assim, o dilúvio durou exatamente: um ano e onze dias. Deve-se entender do ano lunar de 354 dias usado pelos semitas par medir o tempo; os onze dias restantes perfazem, exatamente, 365 dias, ou um ano solar. Esta duração de um ano solar exato é evidentemente simbólica, e quer significar que Deus fez tudo com número, pêso e medida".

*

VI. — "DESCOBRIMOS O DILÚVIO!"

DILÚVIO, LENDA OU REALIDADE?

"Descobrimos o Dilúvio" — telegrama transmitido da Mesopotâmia, em 1929, por Wooley.

Quando ouvimos falar em dilúvio, logo pensamos na arca de Noé e no arco-iris. Um castigo, uma preservação, uma aliança.

Esta história maravilhosa do Antigo Testamento, viajou com o Cristianismo através do mundo e se tornou a tradição mais conhecida do dilúvio, embora não seja, de modo algum, a única. Na história

de todos os povos, encontramos tradições de uma inundação imensa e catastrófica.

Os gregos contavam a lenda do dilúvio de Deucalião. Muito antes de Colombo, já havia entre os primitivos habitantes do continente americano numerosas histórias a respeito de uma grande inundação. Na Austrália, na Índia, na Polinésia, no Tibete, em Cachemira, na Lituânia, há lendas de dilúvio que vêm sendo transmitidas de geração em geração, até nossos dias. Serão tôdas elas apenas produtos da imaginação? E' bem possível, ao contrário, que reflitam uma catástrofe universal, embora seja ainda discutido o *problema da universalidade do dilúvio*. Lemos em *Gên.* VII, 19:

“As águas cresceram cada vez mais por sôbre a terra, de modo que encobriram as mais altas montanhas que estão debaixo do céu”.

A *universalidade geográfica* absoluta do dilúvio — inundação de *toda* o globo terrestre — não está afirmada neste trecho, pois as expressões usadas podem se referir a uma determinada região que ficou *tôda* debaixo das águas. Se o dilúvio tivesse sido geograficamente universal, dizem alguns, nem tôdas as águas de hoje teriam bastado!

“Iavé exterminou todo ser vivo que se achava sôbre a superfície do solo, do homem aos animais, répteis e aves do céu; *todos* desapareceram da terra. Ficou *sômente* Noé e os que com êle estavam na arca” (*Gên.* VII 23).

Também não consta que esteja expressamente afirmada aqui a *universalidade antropológica do dilúvio* — morte de *todos* os homens que havia na terra, com exceção de Noé e família. Mas, mesmo que o autor só se refira aos homens de determinada região, suas expressões têm sentido verdadeiro, e o castigo divino conserva tôda a sua grave significação e seu simbolismo religioso.

E' fora de dúvida, porém, que tão formidável acontecimento deve ter ocorrido numa época em que já havia seres pensantes que o presenciaram e a êle sobreviveram, podendo relatá-lo às gerações futuras.

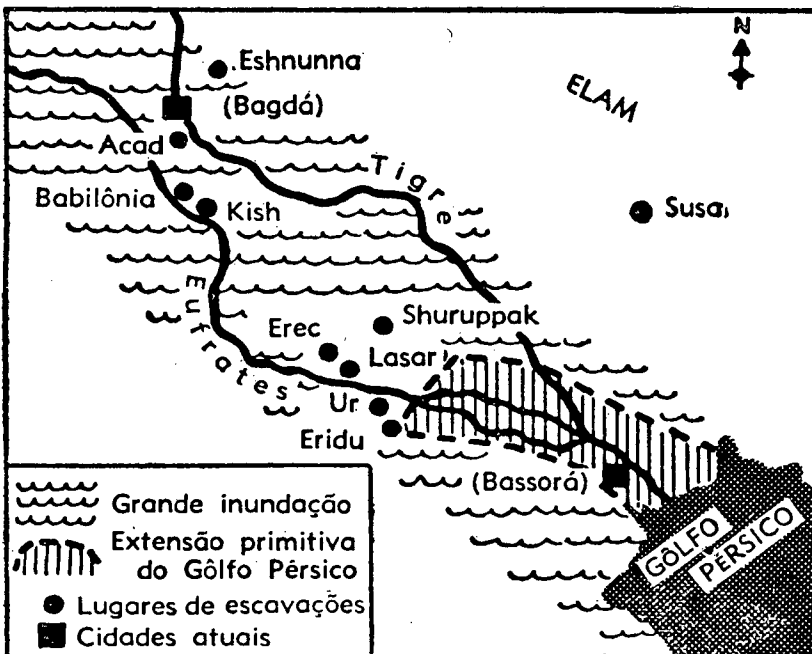
Geólogos peritos procuravam dar do dilúvio explicações que se baseavam sempre em hipóteses. Mas o historiador quer outras provas, e estas não existiam.

Foi então que, em 1929, um telégrafo da Mesopotâmia transmitia ao mundo uma notícia sensacional, extraordinária: “Descobrimos o dilúvio!” A descoberta foi puramente ocasional, pois as escavações efetuadas em Ur — hoje Tell al Muqayyar — visavam coisa completamente diferente. Havia já seis anos que arqueólogos americanos e inglêses, dirigidos por Woolley, estudavam o terreno junto de Tell al

Muqayyar. Sensacionais descobertas eram feitas. Surgiam os Túmulos reais de Ur, revelando uma civilização sumeriana bastante adiantada; “Lady Shub-ad”, a bela sumeriana, aparecia linda e ricamente adornada. As diversas camadas retiradas, davam acesso a novas éras, a novas civilizações. Mas não se chegava ao fundo, a um ponto em que não mais se encontrasse vestígio humano. Um dia, porém, Woolley pensou ter alcançado a meta. Desaparecera qualquer indício de civilização, por mais primitiva que fôsse e chegaram a uma camada de limo, de puro limo, que só formava pela sedimentação da água!

Como explicar o limo naquele lugar? Seria o Eufrates o responsável por esses sinais? E as pás continuavam cavando em profundidade... De repente, onde aqueles homens esperavam encontrar terra virgem, surge novo entulho, detritos e numerosos cacos de barro. Sob uma camada de quase três metros de puro limo, topam, de novo com restos de habitações humanas. Diverso, porém, era o aspecto e a técnica da cerâmica encontrada. Acima do limo, objetos feitos no torno, ao passo que estes eram feitos à mão. De metal, nem vestígios. A ferramenta primitiva era o sílex polido. Devia ser a Idade da Pedra.

Apenas uma explicação para tais descobertas: o Dilúvio. Só o dilúvio justificaria a enorme jazida de lama sob a colina de Ur e



“E a Bíblia tinha razão”. pg 44 Fig 5: A extensão da inunda o na Mesopotâmia.

que separava nítidamente duas épocas humanas. Para evitar qualquer possibilidade de êrro ou engano, Woolley repetiu as mesmas escavações em outros sítios, sempre com os mesmos resultados. O mapa ao lado dá uma idéia da extensão da inundação na Mesopotâmia. Os trabalhos de Woolley e de seus colaboradores mostraram aos cientistas uma imensa e catastrófica inundação que lembrava o dilúvio da Bíblia, freqüentemente considerado pelos céticos como lenda ou fantasia. E mais ainda. Pela idade das camadas, que indicavam estabelecimentos humanos e nas quais se podia ler como num calendário, era também possível datar a terrível inundação: 4000 anos antes de Cristo!

VII. — CURIOSO PARALELO: UTNAPISHTIM E NOÉ.

A seu adorador Utnapishtim, assim falou o deus Ea:

“Homem de Shuruppak, Utnapishtim, filho de Ubaru-tu. Destrói a tua casa, constrói um navio, abandona tuas riquezas, salva a vida! Transporta para a nave tôda sorte de semente de vida. Faze que o seu comprimento e a sua largura tenham a justa proporção. Constrói a nave com cuidado. (XIa. tabuinha).

Disse Deus a Noé:

... “Fabrica uma arca com madeiras resinosas.

... Também de todos os sêres vivos introduzirás contigo na arca dois de cada espécie, macho e fêmea, para os conservares contigo”. (*Gên.* VI, 19).

Utnapishtim constrói o navio, segundo as indicações do deus Ea:

No 5º dia, tracei a sua forma; sua base media 12 iku ($\pm$ 3500 m²), suas paredes tinham cada uma 10 gar (60m) de altura. Dei-lhe 6 andares. Dividi sua largura sete vêzes, dividi nove vêzes o seu interior, joguei no fôrno 6 sar (medida desconhecida) de breu.

Disse Deus a Noé:

“Fabrica-la-ás nas seguintes medidas: 300 côvados de comprimento, 50 côvados de largura e 30 de altura”. (*Gên.* VI, 15).

“Dividi-la-ás em andares: o inferior, o segundo e o terceiro”. (*Gên.* VI, 16).

“Fa-la-ás com compartimentos e calafetarás com pez do lado de dentro e do lado de fora”. (*Gên.* VI, 14).

Terminada a construção, Utnapishtim entra no navio:

“Carreguei tudo o que possuia: objetos de ouro e de prata e tôda sorte de semente de vida. Fiz subir no navio tôda a minha família e os parentes pró-

“Antes que viessem as águas do dilúvio, Noé entrou na arca com seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos. Dos animais puros e dos que

ximos; fiz entrar o gado dos campos e os animais dos campos. Ordenei que subissem os artesãos, hábeis nos diversos trabalhos...

Entrei no navio e fechei a porta. Quando começou a brilhar a luz da manhã, levantou-se uma nuvem, negra como um corvo.

Enfurecia-se o espírito do mal e toda claridade transformou-se em escuridão”.

não são puros, das aves e dos répteis terrestres, entraram de dois em dois com Noé, na arca, conforme lhe ordenara Deus”. (*Gên.* VII 7, 9).

“... e Iavé fechou a porta atrás deles” (*Gên.* VII, 16).

“Passados 7 dias, as águas do dilúvio caíram sobre a terra... romperam-se todas as fontes do grande abismo e abriram-se as comportas do céu”. (*Gên.* VII, 10, 11).

Ante a catastrófica inundação, que eles próprios decretaram, os deuses da Mesopotâmia, enchem-se de terror e fogem para o céu mais alto do deus Anu. Estão aflitos e abalados, e protestam humilhados, chorosos. Uma descrição digna de Homero! E a tempestade prossegue implacável:

“A chuva, semelhante ao barulho de um riacho, continuou a cair durante 6 dias e 6 noites. Ao 7º dia, o dilúvio cessou e houve um silêncio como depois de uma batalha. O mar se acalmou e ficou imóvel; cessou a tormenta, terminou o dilúvio...

Toda a humanidade estava transformada em lodo. A superfície da terra era uniforme e deserta”.

“Veio então, o dilúvio sobre a terra durante quarenta dias... As águas cresceram cada vez mais por sobre a terra, de modo que encobriram as mais altas montanhas que estão debaixo do céu”. (*Gên.* VII, 17, 19).

“Fecharam-se as fontes do abismo e as comportas do céu. A chuva foi retida no céu, as águas se retiraram pouco a pouco de sobre a terra, começaram a diminuir ao cabo de 150 dias” (*Gên.* VIII, 2, 3).

Como Noé, Utnapishtim quer saber se as águas haviam baixado sobre a face da terra:

“No 7º dia, tomei uma pomba e deixei-a partir. A pomba foi-se embora e depois voltou, não tendo encontrado lugar onde pousar. Tomei depois uma andorinha e deixei-a partir... não tendo encontrado lugar para pousar, voltou à nave. Tomei, então, um corvo e deixei-o partir. O corvo partiu,

“Passados 40 dias, Noé abriu a janela que fizera na arca, e soltou um corvo, o qual ia e voltava enquanto as águas secavam sobre a terra. Depois soltou uma pomba para ver se as águas tinham baixado sobre a face da terra. A pomba, não encontrando onde pousar os pés, voltou para junto dele, na arca,

viu que as águas estavam descendo...
agradou-se e não mais voltou”.

porque ainda havia água por sôbre tôda a superfície da terra. Esperou outros 7 dias e, de novo, soltou a pomba fora da arca. Ao cair da tarde, voltou a pomba para junto dêle e eis que no bico trazia um ramo verde de oliveira (*Gên.* VIII, 6 e 55).

Utnapishtim conta a Gilgamesh o que o cataclisma terminou:

“Abri a janela e a luz iluminou o meu rosto.
O navio pousou sôbre o monte Nizir.
O monte Nizir prendeu o navio e não o deixou flutuar”.

“Passados 40 dias, Noé abriu a janela que fizera na arca”. (*Gên.* VIII, 6). “E no 7º mês, no 17º dia do mês, a arca pousou sôbre as montanhas de Ararat” (*Gên.* VIII, 4).

Assim Utnapishtim, o Noé dos sumérios, relata o que êle mesmo deve ter experimentado.

Certamente os babilônios, os assírios, os hititas e os egípcios, que leram ou contaram êstes fatos uns aos outros, não imaginaram que se tratava de um acontecimento real. Mas os assiriólogos modernos que penosamente decifraram as tabuinhas não podiam duvidar da catastrófica inundação.

VIII. — OUTROS TEMAS DO POEMA DE GILGAMESH.

a). — *No reino da Morte.*

b). — *A verdadeira Vida.*

a). — *No reino da morte.*

A primeira parte do poema descreve as proezas do destemido Gilgamesh, sua vitória sôbre Humbaba, senhor da montanha de Cedros. Acredita-se que essa montanha dos Cedros represente o Líbano do norte, na Síria. Esta aventura tem por fim, não só pôr em evidência a coragem de Gilgamesh, mas sobretudo de exaltar uma vitória do rei de Uruk, contra um rival que dominava a região. E essa região era absolutamente necessária a tôda a Caldéia. Pois se a Baixa Mesopotâmia tinha abundância de cereais, era, por outro lado, totalmente edsprovída de florestas e não possuía uma só árvore para fazer uma mesa ou uma porta. Além disso, Gilgamesh odeia êsse povo do oeste que sacrifica aos deuses no meio de densas florestas e tem-se a impressão de que o poema põe em evidência um conflito

entre duas civilizações: a da Síria e a do Eufrates, a da montanha e a da planície.

De volta a Uruk, Gilgamesh é triunfalmente recebido. Mas a dor segue de perto a embriaguês da vitória. Enkidu morre e o problema da morte se apresenta a Gilgamesh, absorvendo-lhe todos os pensamentos. Tome a morte, quer uma vida que não acabe.

As descobertas feitas por Woolley, nos túmulos de Ur — que datam de 3000 anos, mais ou menos — mostram uma vida futura. O túmulo, porém, não é o monumento típico da arte, na Mesopotâmia, como se observa em outras civilizações antigas. Os únicos documentos a respeito desses túmulos, são textos, bastante escassos e discretos, que pouco informam sobre as crenças que as maravilhosas descobertas de Ur fazem supor. Parece que pouco a pouco essa preocupação com os mortos vai diminuindo. A morte não é ainda a total destruição, mas o defunto não é deificado, como no Egito. Com a vida, uma sombra, um espírito se separa do corpo. Sem sepultura e sem ofertas alimentares, esses espírito, mau por natureza, e vagando sem repouso, a tormenta os vivos. Logo, o interesse destes — e também do defunto — é garantir uma descendência que após a sua morte, organize funerais convenientes. Se esses últimos deveres são prestados aos cadáveres, o espírito desce para “a terra”, a “grande terra”, a “terra de baixo”, a “terra sem retorno”. Assim foi evoluindo o conceito de morte na Mesopotâmia.

O *Poema de Descida de Ishtar aos infernos* descreve esse reino infernal e as condições dessa permanência sem fim. Concordam as descrições com as do *Poema de Gilgamesh*. Os mortos, despojados de tudo o que os reveste, ao passarem pelas sete portas, que os introduzem em sete recintos sucessivos, têm apenas “vestes de asas”. Cercados de densas trevas, vigiados por demônios, não podem — para maior tranquilidade dos vivos — regressar à terra. Os soldados mortos na guerra repousam, tendo a esposa à cabeceira, enquanto que os pais lhe sustentam a cabeça. Alguns mortos, que uma lacuna do texto não permite identificar, gozam igualmente de uma cama e bebem água pura. A grande maioria, porém, mesmo quando os vivos deles se ocupam, alimenta-se de pó e de água barrenta. Gilgamesh preocupa-se com a sorte desses infelizes, ao que lhe respondem:

— “A vida que buscas, tu não a encontrarás. Quando os deuses criaram a humanidade, estabeleceram para ela a morte. A vida, eles a retiveram em suas mãos”.

b). — *A verdadeira vida*.

Gilgamesh, porém, não se conforma com esse decreto dos deuses. Reclama a fração de divindade que lhe falta, para fugir à sorte

comum dos mortais. Apenas tem notícia da existência da “Planta da Vida”, cujo nome é: “o velho torna-se um jovem”, parte em busca desse maravilhoso talismã. Conhecemos suas aventuras e as dificuldades que precisou vencer. Lutou e conseguiu colhêr a misteriosa planta, mas “a imortalidade só aos deuses pertence”. Durante a viagem de volta, uma serpente lhe rouba a garantia de uma vida eterna. E Gilgamesh morre, como qualquer mortal, após ter possuído por alguns instantes o que lhe teria assegurado a verdadeira vida.

Ocorre aqui uma pergunta: Por que Utnapishtim foi agraciado com a suprema felicidade e a imortalidade num paraíso de delícias, enquanto que Gilgamesh, o herói destemido, o paladino de tôdas as causas justas, não alcança o prêmio de uma vida sem fim?

E a mesma história se repete dos tempos, pois o coração do homem é insaciável, na busca do sumo bem que é a posse da verdadeira vida. O “elixir da longa vida” continua a atrair a humanidade. As mais sensacionais descobertas pretendem, senão conferir a imortalidade, pelo menos prolongar o mais possível esta vida e o homem se esquece de que esta não é a verdadeira vida e que a suprema felicidade é a união com Deus, no paraíso celeste.

*
* *

BIBLIOGRAFIA.

L'épopée de Gilgamesh. Coleção “Breviari Mistici” nº 16. Fratelli Rocca., Editori. Milano. 1944.

Histoire des Religions. Publicada sob a direção de Maurice Brillant e René Aigrain. 4º vol. A religião sumero-acadiana: Mitos da salvação nas catástrofes.

História Geral das Civilizações. Coleção publicada sob a direção de Maurice Crouset. Tradução de Pedro Moacyr Campos. Vol. 1º: O Oriente e a Grécia Antiga: “As criações intelectuais — Os grandes poemas mitológicos — A civilização mesopotâmica — Vida espiritual”. Difusão Européia do Livro. São Paulo. 1956.

História Universal. Dirigida por Walter Goetz. Tomo I. “El despertar de la Humanidad”. Editôra Espasa-Calpe S.A.. Madrid. 1950.

Histoire des Littératures. Vol. I. Encyclopédie de la Pléiade.

A Bíblia mais bela do mundo. Vol. I: O Pentateuco. Editôra Abril Ltda. São Paulo. 1956.

La Sainte Bible. Tome I le. partie: Génèse. Louis Pirot et Albert Clamer.

E a Bíblia tinha razão... Werner Keller. Tradução de João Távora. Edições Melhoramentos. 1955.

Dictionnaire de la Bible. Vigouroux. F. XII.

La Documentation photographique. La Mésopotamie. Nº 5254. avril 1956. L'épopée et la religion.